

COSMOVISÃO INDÍGENA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

INDIGENOUS WORLDVIEWS IN SCHOOL SETTINGS

Clara Rosa Cruz Gomes¹

Pedro Henrique Cavendish Schimmelpfeng²

Claudia Pato³

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i10.856>

Aceito em: 06.09.2026

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as contribuições da literatura acadêmica sobre cosmovisões indígenas e conexão com a natureza, considerando as relações entre crianças indígenas, ambiente escolar e brincadeiras. Utilizou-se o método de revisão bibliográfica, com foco na análise aprofundada e interpretativa da literatura. Os resultados evidenciam a importância das cosmovisões indígenas nos espaços escolares para favorecer a conexão com a natureza, fortalecer a educação ambiental e contribuir para a implementação da Lei nº 11.645/2008, por meio da valorização das histórias, culturas, conhecimentos e modos de vida dos povos indígenas. Os estudos também apontam a relevância da formação continuada de educadores na perspectiva da educação ambiental intercultural. Conclui-se que a valorização das cosmovisões indígenas, das brincadeiras e das experiências em contato com a natureza, articulada à formação docente, pode contribuir para uma educação sensível, inclusiva, intercultural e transformadora.

Palavras-chave: Educação ambiental. Cosmovisão indígena. Ambiente escolar. Criança indígena.

Abstract: This article aims to analyze the contributions of the academic literature on Indigenous worldviews and connectedness to nature, considering the relationships among Indigenous children, the school environment, and play. A literature review method was employed, focusing on an in-depth and interpretative analysis of the literature. The results highlight the importance of Indigenous worldviews in school settings for fostering connectedness to nature, strengthening environmental education, and contributing to the implementation of Brazilian Law No. 11,645/2008 through the recognition and appreciation of Indigenous peoples' histories, cultures, knowledge, and ways of life. The studies also point to the relevance of continuing teacher education from an intercultural environmental education perspective. It is concluded that valuing Indigenous worldviews, play, and experiences in contact with nature, together with teacher education, can contribute to the development of a sensitive, inclusive, intercultural, and transformative education.

Keywords: Environmental education. Indigenous worldview. School environment. Indigenous children.

- 1 Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: clararosaenatureza@gmail.com
- 2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília. Doutor em Educação pela Universidade de Brasília. E-mail: pedro.schimmelpfeng@p.ucb.br
- 3 Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. E-mail: claudiap@unb.br



Introdução

Estamos vivendo em período de crise civilizatória, que, segundo Guimarães (2018), são graves problemas socioambientais que alcançam a escala global, colocando em risco a vida planetária. Segundo a Deutsche Welle (2021), no relatório da Organização das Nações Unidas - ONU, a busca incessante pelo crescimento econômico e a ação humana sobre os ecossistemas têm contribuído para tornar a Terra progressivamente menos habitável, exigindo mudanças urgentes. A forma nociva como a civilização ocidental moderna se relaciona com o meio-ambiente tem levado à busca de outras visões culturais a fim de contribuir na formação de valores e crenças alinhadas à preservação do meio ambiente.

Nesse contexto, as cosmovisões indígenas podem ampliar a compreensão das relações entre seres humanos e natureza, contribuindo para o campo da Educação Ambiental e da Psicologia Ambiental, ao apresentarem perspectivas que questionam a separação entre sociedade e o mundo natural. Na perspectiva Yanomami apresentada por Kopenawa e Albert (2015), floresta, seres humanos, animais, espíritos e território constituem dimensões inter-relacionadas da existência, contrapondo-se à concepção da natureza apenas como recurso disponível à exploração humana.

Profice (2016) destaca que as experiências das infâncias indígenas podem ampliar a compreensão sobre as relações entre criança e natureza, especialmente por evidenciarem a aprendizagem pela experiência, a convivência comunitária, a participação nas atividades cotidianas e a integração entre cultura e ambiente. Tais elementos permitem obter contribuições teóricas relevantes para pensar a conexão com a natureza na infância e suas interfaces com a Educação Ambiental.

Há que considerar as cosmovisões indígenas não são homogêneas, por resultar da diversidade de povos, territórios, línguas e culturas. Entretanto, elas possibilitam reconhecer modos de existência em que seres humanos e natureza não são concebidos de forma dissociada. Tiriba et al. (2021) destacam que as culturas originárias brasileiras têm como cerne a busca pela experiência da vida em relação com o outro e com o cosmos. As autoras ressaltam, ainda, concepções e práticas fundamentadas em “relações humanas amorosas, entre si e com todas as formas de vida” (Tiriba et al., 2021, p. 100).

Concomitantemente, esse conhecimento está conectado ao já amplamente identificado pela Psicologia Ambiental. Schultz (2001, p. 326) argumenta que o crescente distanciamento entre as pessoas e a natureza, especialmente em contextos urbanos, implica o modo como as pessoas percebem sua interconexão com outros seres humanos e com a natureza. Nesse sentido, as preocupações ambientais podem assumir uma orientação egoísta, quando centradas nas consequências para o próprio indivíduo; altruísta, quando relacionadas às consequências para outras pessoas; ou biosférica, quando voltadas ao bem-estar dos demais seres vivos e da natureza.

Schultz (2002) destaca que os ambientes construídos podem contribuir para o distanciamento da natureza. O autor compreende também a inclusão com a natureza a partir de dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais, relacionadas, respectivamente, à conexão,

ao cuidado e ao compromisso com o mundo natural. Além disso, identificou-se que apenas a disseminação de informação não é suficiente para derrubar todas as barreiras que impedem indivíduos de agirem de forma sustentável e a favor do meio ambiente (Schimmelpfeng et al., 2024). Diante desse cenário, Pato (2020) e Paula et al., (2026), ressaltam a importância de promover ações de educação ambiental que favoreçam a conexão com a natureza, considerando que essa conectividade pode contribuir para mudanças de hábitos não sustentáveis e favorecer a manifestação de comportamentos ecológicos.

No campo educacional, aproximar-se desses conhecimentos significa reconhecer a legitimidade de diferentes formas de conhecer, aprender e se relacionar com o mundo. Tiriba et al. (2021) defendem a importância de conhecer e compreender as culturas originárias e de aprender com esses povos saberes que contribuam para um convívio equilibrado entre seres humanos e natureza. Assim, o diálogo com esses conhecimentos pode favorecer práticas educativas que valorizem pertencimento, cuidado, respeito, reciprocidade e conexão com o meio ambiente, possibilitando a estudantes indígenas e não indígenas refletirem sobre outras formas de relação com a natureza.

Para Leff (2012) a crise ambiental é uma crise do conhecimento. O autor traz uma crítica profunda à ciência pela sua fragmentação do conhecimento e também pela ciência ter desconhecido e negado a natureza e que hoje se manifesta como uma crise ambiental. O encontro de saberes para criar um novo conhecimento ambiental implica processos de diálogos culturais onde são valorizados os conhecimentos indígenas e os saberes populares produzidos por diferentes culturas integradas com a natureza.

Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar, por meio de uma revisão bibliográfica de teses e dissertações, as contribuições da produção acadêmica sobre cosmovisões indígenas para ampliar a compreensão sobre conexão com a natureza e infância, considerando suas possíveis contribuições para a Educação Ambiental no contexto escolar. Embora a literatura apresente discussões sobre as relações entre crianças e natureza, ainda são necessários estudos que deem maior visibilidade às infâncias indígenas e às diferentes formas de compreender e vivenciar a relação entre seres humanos e natureza.

A relevância do estudo reside na possibilidade de sistematizar conhecimentos produzidos sobre essa temática e ampliar as reflexões acerca das contribuições das cosmovisões indígenas para a compreensão das relações entre infância e natureza, especialmente no campo da Educação Ambiental.

Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica qualitativa com foco na análise aprofundada e interpretativa da literatura. Primeiro, houve a escolha do tema e do problema de pesquisa: investigar a conexão indígena com a natureza e como essa conexão acontece na criança indígena e no cotidiano escolar.

Para a revisão bibliográfica foram usadas as seguintes etapas: 1. Selecionar bases de dados por área específica; 2. Definir e validar descritores; 3. Realizar buscas em base selecionada; 4. Estabelecer critérios de inclusão e exclusão. 5. Registrar título dos artigos em bases específicas; 6. Salvar estudos referência e resumo; 7. Analisar título dos estudos recuperados. 8. Título atende a questão proposta é incluído nos estudos. 9. O título não atende à questão proposta, ler resumo e, se não atender questão proposta, inserir na lista de estudos excluídos e se sim, incluir nos estudos; 10. Foram incluídos os textos que tematizaram sobre Educação Ambiental e questões indígenas e excluídos os que fugiram dessa temática. 11. Foram realizados registros das informações importantes dos textos lidos, como o tema, objetivos, conceitos e contribuições dos autores. Depois, foi feita a análise e interpretação, identificando as diferentes perspectivas e posicionamentos dos autores sobre o tema.

A Biblioteca de Teses e Dissertações - BDTD foi utilizada para a pesquisa de revisão de literatura por trazer um conjunto de obras (teses e dissertações) que muitas vezes não são convertidas em artigos acadêmicos e que, por isso, tendem a perder espaço em discussões acadêmicas, mas que objetivamente não são menos importantes. Para o mapeamento da pesquisa de periódicos da BDTD, foi utilizado para a busca o termo indígena e conexão com a natureza com o seguinte descritor (indígenas OR “povos originários” OR indigenous) AND (natureza OR nature) AND (conexão OR connection). O período de publicação para essa busca foi de 2015 a 2025 para obter referências recentes e maior quantidade de trabalhos. Outro termo utilizado de busca para aprofundar este artigo foi criança indígena e escola e brincadeiras, (criança OR crianças) AND (indígena OR indígenas) AND (escola OR educação) AND (brinca*), no período de 2014 a 2025.

3 Resultados

3.1 Conexão indígena com a natureza - dissertações e teses

A busca resultou em 83 produções e foram incluídos os textos que tematizaram sobre Educação Ambiental e questões indígenas e excluídos os que fugiram dessa temática. Após a análise dos trabalhos encontrados, foram selecionadas 11 produções que apresentaram aproximação com o tema desta pesquisa, sendo 10 em português e uma em espanhol. A presença da produção em língua espanhola não decorreu da utilização desse idioma como critério de busca, mas de sua recuperação pela própria BDTD, por se tratar de uma pesquisa desenvolvida em instituição brasileira e integrada à base. Embora tenham sido utilizados descritores em inglês para ampliar a busca, não foram identificadas, entre os resultados, produções escritas nesse idioma.

As dissertações e teses encontradas (Quadro 1) foram importantes para conhecer pesquisas acadêmicas e compreender a relevância e atualização desse estudo.

Quadro 1: Mapeamento termo “conexão indígena com a natureza” em língua portuguesa e espanhola dissertações e teses

Título	Autor	Instituição / Programa / Orientação	Publicação / Ano
1. Decolonialidade, contracolônização e transgressão nas metáforas de Ailton Krenak	Patrícia Vaz Borges	Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientador: Carlos Antônio Magalhães Guedelha.	Dissertação Mestrado 2023
2. O tempo e o espaço: noções de temporalidade e espacialidade do povo Tavyterã – Ára Ypy – Tempo e Espaço: noções de temporalidade e espacialidade do povo Tavyterã	Claudemiro Pereira Lescano	Universidade Federal da Grande Dourados. Programa de Pós-Graduação em História; História Indígena e do Indigenismo. Orientador: Levi Marques Pereira.	Tese Doutorado 2024
3. Ateliês de insurgência para o ensino de Ciências: ideias para uma reconciliação com a natureza a partir de Daniel Munduruku	Yngrid Lizandra Medeiros de Carvalho	Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Orientador: Fábio Pessoa Vieira.	Dissertação Mestrado 2023
4. Pedagogia encantada: o discurso mítico Xukuru do Ororubá sobre a educação para o Bem Viver	Emanuelle Cristina da Silva Fernandes	Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé. Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio. Orientador: Wallace Gomes Ferreira de Souza.	Dissertação Mestrado 2023
5. A bioconstrução no ambiente educativo de formação de educadores ambientais críticos: um modo de confrontar a hegemonia em novas sociedades possíveis	Sofia Eder	Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Orientador: Mauro Guimarães.	Dissertação Mestrado 2021
6. A práxis de educadores ambientais críticos, transformadores e emancipatórios em direção à sociedade sustentável: contribuições do ecossocialismo e da racionalidade ambiental	Leandro Carneiro	Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Orientador: Mauro Guimarães.	Dissertação Mestrado 2019
7. Experiências de “ComVivência Pedagógica” a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais	Noeli Borek Granier	Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares; Educação Ambiental. Orientador: Mauro Guimarães.	Dissertação Mestrado 2017
8. O saber compartilhado na filosofia/cosmovisão Guarani Mbyá e a formação em Educação Ambiental	Emerson José Gonçalves	Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares; Educação Ambiental. Orientador: Mauro Guimarães.	Dissertação Mestrado 2017
9. A formação de educadores ambientais na ComVivência pedagógica com os saberes da terra	Helder Sarmento Ferreira	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Orientador: Mauro Guimarães.	Dissertação Mestrado 2016

10. A construção de ambientes educativos e dos princípios formativos de educadores ambientais na proposta da “ComVivência Pedagógica”	Noeli Borek Granier	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Orientador: Mauro Guimarães.	Tese Doutorado 2022
11. ¿A quiénes se les privan las aguas en Suramérica? Ecología política e hidroterritorios en interlocución con los Mbya-Guarani en el sur de Brasil	José Manuel Valencia Espina	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Orientadora: Gabriela Coelho-de-Souza.	Dissertação Mestrado 2020

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Essas dissertações e teses abordam o tema da conexão indígena com a natureza. O estado do Rio de Janeiro apresentou mais pesquisas sobre o tema em relação a outros estados, seis pesquisas. Foi encontrada pesquisa com essa temática nos Estados brasileiros: Amazonas (uma), Mato Grosso do Sul (uma), Bahia (uma), Paraíba (uma) e Rio Grande do Sul (uma).

Os dois eixos de discussão presente nas teses e dissertações são: um, cosmovisões, narrativas e epistemologias indígenas na relação ser humano-natureza; e, outro, Convivência Pedagógica, formação e Educação Ambiental. As pesquisas de Borges (2023), Lescano (2024) e Fernandes (2023)) estão presentes no primeiro subtema.

No primeiro eixo, encontram-se as pesquisas de Borges (2023), Fernandes (2023) e Lescano (2024). No segundo, Convivência pedagógica e educação ambiental, oito pesquisas, sendo seis delas, Eder (2021), Carneiro (2019), Granier (2017), Gonçalves (2017), Ferreira (2015), Granier (2022), orientadas e coordenadas pelo professor Mauro Guimarães da Universidade Rural do Rio de Janeiro. *As outras* duas, Carvalho (2023) e Espina (2020)., têm abordagens semelhantes àquelas.

3.2 Dissertações e teses: crianças indígenas, escola e brincadeiras indígenas

O termo de busca criança indígena e escola e brincadeiras, no período de 2014 a 2025, localizou em língua portuguesa 52 publicações, das quais 14 se relacionam com este trabalho acadêmico. Em publicações de língua inglesa não foram encontradas descobertas relevantes sobre o tema. As dissertações e teses (Quadro 2) encontradas foram importantes para conhecer pesquisas acadêmicas e compreender a relevância e atualização deste estudo.

Quadro 2: Mapeamento termo “criança indígena e escola e brincadeiras” em língua portuguesa

Título	Autor	Instituição / Programa / Orientação	Publicação / Ano
1. Reprodução interpretativa na infância Tapeba: um estudo sobre a apropriação cultural dessa etnia	Maria de Fátima Brito Fontenele Oliveira	Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Orientador: Messias Holanda Dieb.	Dissertação Mestrado 2014
2. O brincar na Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu em Dourados/MS	Brenda Maria Alves Cordeiro	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Programa de Pós-Graduação em Educação; linha Educação e Diversidade. Orientadora: Marta Coelho Castro Troquez.	Dissertação Mestrado 2023
3. O brincar da criança indígena Sateré-Mawé: elo entre a socialização e a formação cultural	Itemar de Medeiros Pinheiro	Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientador: Luiz Carlos Cerquinho de Brito.	Dissertação Mestrado 2015
4. Xíxihra Ikólóéhj: a criança na perspectiva da formação de professores indígenas Gavião	Laudinéa de Souza Rodrigues	Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientadora: Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues.	Dissertação Mestrado 2014
5. O brincar de crianças Sateré-Mawé em uma escola da cidade de Parintins-AM	Elizabeth Cristina Siel Souza	Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Orientador: João Luiz da Costa Barros.	Dissertação Mestrado 2017
6. A infância dos “pequenos indígenas” Mbyá Guarani da Tekoá Pindó Mirim: os entrecruzamentos com a natureza e o protagonismo nos processos educativos	Luana Santos da Silva	Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Orientadora: Narjara Mendes Garcia. Coorientador: Martín César Tempass.	Dissertação Mestrado 2017
7. Infância Guarani, travessia, brincadeira: Kyringue onheovangaa	Silvana Mindua Vidal Veríssimo	Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação.	Dissertação Mestrado 2024
8. A ludicidade inerente ao brincar e as brincadeiras junto às crianças da Tekoa Pindoty (Mbya-Guarani)	Karyna Brunetti Lucinda	Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Orientadora: Marcia Regina Ferreira.	Dissertação Mestrado 2018
9. Crianças Huni Kuin e suas redes de interdependências: tensões e negociações nas configurações da infância indígena	José Valderi Farias de Souza	Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientadora: Valéria Milena Rohrich Ferreira.	Tese Doutorado 2022

10. O brincar das crianças indígenas e a interculturalidade: uma proposta didático-pedagógica decolonial na Educação Infantil	Cristiane Nunes Pereira dos Santos	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Bauru. Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica. Orientadora: Fernanda Rossi.	Dissertação Mestrado 2024
11. Alteridades invisibilizadas: culturas infantis Iny Karajá na escola urbana	Suelene Maria dos Santos	Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Educação; linha Educação, Sociedade e Cultura. Orientador: Romilson Martins Siqueira.	Tese Doutorado 2020
12. “Brincar todo mundo sabe!”: relações interétnicas de crianças indígenas e não indígenas em uma escola municipal em Tocantinópolis (TO)	Mércia Cristina Borges dos Anjos	Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Imperatriz. Orientador: Wellington da Silva Conceição.	Dissertação Mestrado 2023
13. Estou indo lutar: as crianças Guarani no cinema indígena	Ingrid Oyarzábal Schmitz	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação; linha Arte, Linguagem e Currículo. Orientadora: Fabiana de Amorim Marcello.	Dissertação Mestrado 2022
14. A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001–2012)	Sheila Alves de Araújo	Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.	Dissertação Mestrado 2014

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

As pesquisas de Dissertações e Teses sobre Crianças indígenas, Escola e Brincadeiras mostraram ocorrências em todas as regiões do país. Esse tema foi dividido em três grandes eixos: 1. Escolas urbanas com indígenas e não indígenas onde se encontram as pesquisas de Barros (2024), Souza (2017), Santos (2020) e Anjos (2023); 2. Cultura indígena e brincadeiras com os trabalhos de Oliveira (2014), Cordeiro (2023), Pinheiro (2015), Rodrigues (2014), Lucinda (2018), Souza (2022) e Araújo (2014); e 3. Brincar indígena e Educação Ambiental com as seguintes pesquisadoras Schmitz (2022), Silva (2017) e Veríssimo (2024).

Discussão

Conexão indígena com a natureza

A análise das teses e dissertações relacionadas à conexão indígena com a natureza possibilitou identificar dois eixos de discussão: cosmovisões, narrativas e epistemologias indígenas na relação ser humano-natureza; e Convivência Pedagógica, formação e Educação Ambiental. Os estudos apresentam diferentes objetos e percursos metodológicos, mas todos realizam análises

qualitativas e convergem ao evidenciar formas de compreender a relação entre seres humanos e natureza que questionam perspectivas fragmentadas, antropocêntricas e utilitaristas.

No primeiro eixo, encontram-se as pesquisas de Borges (2023), Fernandes (2023) e Lescano (2024). Embora partam de contextos e procedimentos distintos, os três estudos conferem centralidade aos conhecimentos indígenas e às formas pelas quais diferentes povos significam e transmitem suas compreensões sobre o mundo. Borges (2023), por meio de uma pesquisa de caráter textual e documental, analisa metáforas presentes em obras de Ailton Krenak, identificando concepções que confrontam às produzidas pela colonialidade e evidenciam a necessidade de reconhecer saberes e práticas ancestrais historicamente silenciados.

Fernandes (2023), por sua vez, volta-se às narrativas míticas Xukuru do Ororubá e às suas relações com a educação para o Bem Viver. A análise evidencia que essas narrativas constituem formas de transmissão de conhecimentos, valores e referências culturais, envolvendo dimensões como coletividade, solidariedade, respeito à diversidade e relação com a natureza. Nesse sentido, as narrativas não se restringem à transmissão de histórias, mas participam dos processos educativos e da continuidade cultural desse povo.

Lescano (2024) desenvolve outro percurso, utilizando entrevistas, observação etnográfica e documentos para compreender as concepções de temporalidade e espacialidade do povo Tavyterá, etnia Guaraní. Os resultados evidenciam formas próprias de compreender tempo, espaço e história, articuladas aos conhecimentos e às experiências desse povo. Diferentemente de uma perspectiva que separa essas dimensões, a pesquisa evidencia uma compreensão relacional do mundo, na qual diferentes seres, espaços, tempos e formas de existência encontram-se articulados.

A análise conjunta desses três estudos revela, portanto, uma convergência que ultrapassa suas diferenças metodológicas: os conhecimentos indígenas constituem formas próprias de produzir, organizar e transmitir conhecimentos sobre a existência e as relações com o mundo. Enquanto Borges (2023) evidencia essa dimensão a partir das metáforas de Krenak, Fernandes (2023) a identifica nas narrativas míticas Xukuru e Lescano (2024) nas concepções Tavyterá de tempo, espaço e história. Esses resultados contribuem para compreender que as cosmovisões indígenas não devem ser reduzidas a manifestações culturais isoladas, mas reconhecidas como formas de conhecimento que podem ampliar a compreensão das relações entre seres humanos, natureza, território, ancestralidade e coletividade.

O segundo eixo identificado reúne pesquisas que aproximam conhecimentos indígenas, experiências formativas e educação ambiental. As seis pesquisas seguintes, que fazem parte do grupo de pesquisa *Convivência Pedagógica*, são orientadas e coordenadas pelo professor Mauro Guimarães da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Esse grupo tem como método pesquisa qualitativa e observação participante, tendo prática de experiências de vivências coletivas com comunidades indígenas, articuladas a uma análise crítica da epistemologia moderna. Os saberes indígenas trazem novas práticas e posturas pró-ambientais para uma educação ambiental

crítica e uma dessas pesquisas têm caráter predominantemente teórico. Nesse conjunto, destacam-se as pesquisas de Ferreira (2016), Granier (2017, 2022), Gonçalves (2017), Carneiro (2019) e Eder (2021). Esses estudos compartilham a crítica à separação entre ser humano e natureza e investigam possibilidades formativas baseadas na experiência, na convivência, no diálogo com diferentes conhecimentos dos povos originários.

Ferreira (2016), ao investigar processos formativos de educadores ambientais a partir de vivências com os Guarani da aldeia Ara Hovy, aproxima a formação em Educação Ambiental dos conhecimentos e práticas relacionados aos saberes da terra. A experiência de convivência possibilita refletir sobre valores, relações com a natureza e conhecimentos constituídos em outros referenciais culturais. Gonçalves (2017) também aproxima da pesquisa anterior com os Guarani Mbyá evidenciando o caráter pedagógico das formas de compartilhamento de conhecimentos e das relações fundamentadas no respeito, no cuidado e na compreensão integrada entre ser humano, sociedade e natureza.

Granier (2017) amplia essa discussão ao investigar as potencialidades de outras epistemologias nos processos formativos de educadores ambientais a partir de experiências com comunidades indígenas: Krahô, Guarani Mbya e Quéchua. A pesquisa evidencia elementos relacionados à coletividade, à solidariedade e à compreensão do ser humano como integrante da natureza, contrapondo essas perspectivas às concepções dicotômicas e utilitaristas características da racionalidade moderna.

Carneiro (2019), em um estudo de caráter predominantemente teórico, articula educação ambiental crítica, ecossocialismo e racionalidade ambiental, ressaltando a valorização dos conhecimentos dos povos originários nos processos de formação de educadores ambientais. Diferentemente das pesquisas centradas diretamente nas experiências de convivência, sua contribuição situa-se na problematização das bases epistemológicas e políticas da crise socioambiental e das possibilidades de construção de uma racionalidade ambiental que reconheça diferentes formas de conhecimento.

Eder (2021) investiga a bioconstrução como experiência formativa em educação ambiental crítica, utilizando uma vivência imersiva e princípios da *ComVivência Pedagógica*. A experiência prática com elementos naturais, associada aos conhecimentos tradicionais e ancestrais Kayapó, possibilitou articular dimensões sensoriais, coletivas e reflexivas no processo formativo. Os resultados evidenciaram que o contato direto e a experiência compartilhada podem favorecer reflexões sobre as relações consigo, com outras pessoas, com os demais seres e com a natureza.

A sistematização desses processos formativos é aprofundada por Granier (2022), que utiliza revisão bibliográfica, observação participante e pesquisa-formação para desenvolver a proposta da *ComVivência Pedagógica*. A autora identifica cinco princípios formativos — reflexão crítica, postura conectiva, desestabilização criativa, indignação ética e intencionalidade transformadora —, articulando experiência, reflexão e transformação. Esses princípios permitem compreender a *ComVivência* não apenas como contato com povos originários ou com ambientes

naturais, mas como processo formativo voltado à transformação das relações estabelecidas entre sociedade e natureza.

Carvalho (2023) aproxima-se dessa perspectiva de pesquisa ao problematizar, por meio de uma pesquisa qualitativa de abordagem narrativa, concepções antropocêntricas, utilitaristas e cientificistas presentes no Ensino de Ciências. A partir do diálogo com os conhecimentos de Daniel Munduruku, a pesquisa propõe os Ateliês de Insurgência como espaços formativos plurais e horizontais, nos quais diferentes formas de conhecimento podem entrar em diálogo. O estudo amplia, assim, a discussão sobre as possibilidades de aproximação entre conhecimentos indígenas e práticas educativas para além do campo específico da formação de educadores ambientais.

Espina (2020) acrescenta uma dimensão territorial e política a esse conjunto de pesquisas ao analisar as relações entre águas, territórios e povos Mbya-Guarani no Sul do Brasil a partir da Ecologia Política. A pesquisa é qualitativa e descritiva, com pesquisa documental, revisão bibliográfica e trabalho de campo. Seus resultados evidenciam que a relação com a natureza envolve simultaneamente dimensões sociais, culturais, políticas e ecológicas. Ao abordar as águas como parte das paisagens, das memórias e das relações territoriais, a pesquisa também evidencia a permanência de processos de expropriação e exploração que atingem povos e territórios indígenas.

A comparação entre essas pesquisas permite identificar que a conexão com a natureza é abordada de maneira mais ampla do que o simples contato físico com ambientes naturais. Nos estudos analisados, essa conexão aparece relacionada ao território, à coletividade, à ancestralidade, à experiência, à espiritualidade, à memória e às formas de produção e transmissão de conhecimentos. Os diferentes procedimentos utilizados — análise de narrativas e obras, entrevistas, observação etnográfica, vivências com povos indígenas, pesquisa-formação, experiências imersivas e análises teóricas — chegam, por caminhos distintos, a resultados que questionam a separação entre seres humanos e natureza.

Esses achados são relevantes para a educação ambiental porque evidenciam que as cosmovisões e os conhecimentos indígenas podem ampliar as formas de compreender a relação ser humano-natureza. Os estudos analisados apontam para a importância do diálogo, da experiência, do reconhecimento de diferentes epistemologias e do respeito aos contextos culturais nos quais esses conhecimentos são produzidos e compartilhados. Nessa perspectiva, a literatura analisada oferece elementos para pensar uma Educação Ambiental Intercultural, capaz de reconhecer diferentes formas de conhecer e de se relacionar com a natureza.

Criança indígena, escola e brincadeiras

A análise das teses e dissertações sobre crianças indígenas, escola e brincadeiras permitiu identificar que todas as pesquisas são qualitativas e com metodologias exploratórias e apresentam três eixos: escolas urbanas com estudantes indígenas e não indígenas; culturas indígenas e brincadeiras; e brincar indígena e Educação Ambiental.

No primeiro eixo, escolas urbanas com estudantes indígenas e não indígenas, as pesquisas de Souza (2017), Santos (2020), Anjos (2023) e Santos (2024) analisam experiências e interações entre crianças indígenas e não indígenas em contextos escolares. Os estudos revelam tanto processos de invisibilização das culturas e identidades indígenas quanto possibilidades de construção de relações interculturais mediadas pelo brincar e pela convivência entre as crianças.

Santos (2020), ao investigar as culturas infantis In'ye Karajá e os processos de inclusão e exclusão presentes nas relações entre indígenas e não indígenas em uma escola urbana, identificou a ausência de protagonismo das crianças indígenas durante as brincadeiras entre pares. Os dados analisados também evidenciaram a ausência de políticas educacionais e de práticas de gestão escolar que considerassem suas especificidades culturais. A autora relaciona esse processo à invisibilização da cultura indígena no ambiente escolar, que contribui para que as vozes das crianças sejam pouco reconhecidas.

Em contraposição a esse cenário, Souza (2017), Anjos (2023) e Santos (2024) apresentam resultados que evidenciam possibilidades de interação e valorização cultural.

Souza (2017), ao analisar as interações entre crianças Sateré-Mawé e não indígenas em uma escola urbana de Parintins, identifica o brincar como possibilidade de articulação entre diferentes saberes e de valorização das crianças indígenas no ambiente escolar.

Anjos (2023), ao investigar as socializações e relações interétnicas de crianças Apinayé em uma escola urbana, verificou que, durante as brincadeiras, crianças indígenas e não indígenas interagem e se socializam de maneira respeitosa, apresentando relações que se afastavam de estigmas e manifestações de racismo identificados nas relações entre adultos.

Santos (2024), por sua vez, analisou o brincar em uma perspectiva intercultural por meio do intercâmbio entre crianças Terena da aldeia Kopenoti e crianças de uma escola municipal. Os resultados indicaram possibilidades de desenvolvimento de práticas interculturais e decoloniais, de superação de abordagens estereotipadas da cultura indígena e de efetivação da Lei nº 11.645/2008 nos contextos escolares. A pesquisa também aponta para a importância da inserção da cultura indígena nos projetos político-pedagógicos das escolas.

No segundo eixo, cultura indígena e brincadeiras, os estudos de Oliveira (2014), Araújo (2014), Rodrigues (2014), Pinheiro (2015), Lucinda (2018), Souza (2022) e Cordeiro (2023) convergem ao reconhecer as crianças indígenas como participantes ativas de seus contextos socioculturais. As pesquisas utilizam diferentes fontes e contextos de análise, incluindo experiências comunitárias, familiares e escolares, práticas de brincar, processos de formação de professores e produções acadêmicas sobre infâncias indígenas.

Oliveira (2014), ao analisar as produções culturais Tapeba e os significados reconstruídos pelas crianças na escola e na família, evidencia que elas participam ativamente dos processos culturais da comunidade. Os resultados demonstram que as crianças se apropriam dos costumes de seu grupo e, criam e recriam elementos de sua cultura por meio das brincadeiras, das atividades escolares e das experiências familiares. Essa compreensão aproxima-se dos resultados de Pinheiro

(2015), cuja investigação empírica junto às crianças Sateré-Mawé da Comunidade Ilha Michiles mostra o brincar relacionado à vivência, à experimentação, à socialização e à formação cultural. Nesse processo, as crianças não apenas incorporam elementos de seu grupo social, mas também reelaboram sua herança cultural diante das relações interculturais.

Lucinda (2018) também estabelece relações entre brincadeira e produção cultural ao analisar saberes e práticas de ludicidade da comunidade Mbya-Guarani Pindoty. Nesse estudo, o brincar aparece articulado à cultura, ao território, à ancestralidade e à cosmovisão da comunidade, sendo compreendido como possibilidade de fortalecimento da cultura local e de valorização desses conhecimentos em espaços educativos formais e não formais. Os resultados de Oliveira (2014), Pinheiro (2015) e Lucinda (2018) convergem, portanto, ao evidenciar que as brincadeiras constituem espaços de apropriação, produção, reelaboração e continuidade cultural.

A participação ativa das crianças na vida de suas comunidades também é evidenciada por Souza (2022). Ao investigar as redes de interdependência das crianças Huni Kuin, a pesquisa identifica sua participação em brincadeiras, pesca, cultivo, rituais e outras atividades comunitárias. Os resultados mostram que as crianças são sujeitos sociais ativos e colaboradores e que também compreendem problemas que afetam seus territórios e modos de vida, entre eles o desmatamento, a escassez de recursos e o preconceito cultural. Esses dados ampliam a compreensão do brincar ao situá-lo no conjunto das experiências cotidianas das crianças e das relações estabelecidas com a comunidade e o território.

Rodrigues (2014) e Cordeiro (2023), por outro lado, permitem observar como essas concepções de infância e brincar encontram dificuldades para serem incorporadas aos processos educativos institucionalizados. Rodrigues (2014), ao analisar concepções de criança e infância em cursos de formação intercultural de professores indígenas Gavião, aborda dimensões relacionadas ao corpo, ao sobrenatural, aos processos de aprendizagem, ao cotidiano entre brincadeira e trabalho e à inserção das crianças na escola. Embora os professores demonstrem compreensão sobre o ser criança em seu contexto cultural, a pesquisa identifica fragilidades nas propostas curriculares dos cursos de formação docente quanto à abordagem das infâncias indígenas.

Cordeiro (2023), ao analisar o brincar em uma escola indígena de Dourados, evidencia que essa prática está relacionada à vivência, à socialização e à construção cultural das crianças, possibilitando a reelaboração de saberes em contextos interculturais. Entretanto, o estudo identifica limites em sua valorização no espaço escolar: embora o brincar esteja presente no planejamento da Educação Infantil, sua presença é reduzida nos documentos curriculares e nas práticas do Ensino Fundamental, sendo frequentemente associado apenas à Educação Física. A pesquisa aponta ainda dificuldades dos docentes para reconhecer seu potencial interdisciplinar.

Os resultados desse conjunto de pesquisas dialogam com a revisão realizada por Araújo (2014), que analisou produções acadêmicas brasileiras sobre infância indígena publicadas entre 2001 e 2012. A autora organizou os estudos em torno das concepções étnicas de infância, práticas culturais e educação indígena, identificando liberdade, brincadeiras e educação como categorias

importantes para compreender essas infâncias. Ao mesmo tempo, verificou que as pesquisas sobre crianças indígenas ainda eram incipientes no período analisado e ressaltou a necessidade de compreendê-las como sujeitos inseridos em múltiplos contextos socioculturais.

No terceiro eixo, brincar indígena e Educação Ambiental, as pesquisas de Silva (2017), Schmitz (2022) e Veríssimo (2024) tornam mais explícitas as relações entre infância, brincadeira, natureza e território. Embora utilizem fontes e perspectivas distintas, os três estudos analisam experiências de crianças Guarani e evidenciam formas de compreender a infância vinculadas às relações comunitárias, culturais e territoriais.

Silva (2017), a partir de referenciais da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança e da Educação Ambiental, investiga experiências das crianças Mbyá-Guarani na Tekoá Pindó Mirim, considerando suas relações com a natureza, a cultura e os processos educativos. Os resultados evidenciam uma compreensão não dual entre ser humano e natureza, a centralidade do cuidado nas relações comunitárias e o caráter educativo do cotidiano da aldeia, no qual brincar, corpo e sazonalidade encontram-se articulados. A pesquisa também destaca a autonomia e a participação ativa das crianças, reconhecendo-as como sujeitos sociais plenos.

Veríssimo (2024), por meio de diálogos com anciãos de aldeias Guarani Mbyá da região da Grande Florianópolis, investiga as brincadeiras e sua relação com os conhecimentos ancestrais e com o Nhanderekó. Os resultados mostram que o brincar constitui dimensão importante da formação da criança e articula aspectos físicos, cognitivos, sociais e espirituais. Ao mesmo tempo, a pesquisa evidencia que processos contemporâneos, como a redução dos territórios e a necessidade de inserção em contextos externos às aldeias, podem ameaçar a continuidade dessas práticas e conhecimentos.

Schmitz (2022) utiliza outra fonte de análise ao investigar como as crianças Guarani apresentam a si mesmas e seu mundo nas narrativas do cinema indígena. A análise foi organizada a partir dos eixos mobilidade das crianças e corpo-território, além da dimensão da criança sonhada. Os resultados contribuem para compreender a criança Guarani como sujeito pleno e evidenciam relações entre infância, corpo, mobilidade e território.

A análise conjunta dos três eixos evidencia que as teses e dissertações investigadas, apesar da diversidade de povos, contextos e procedimentos, apresentam importantes pontos de convergência. Os dados provenientes de escolas urbanas e indígenas, comunidades, experiências familiares, brincadeiras, práticas cotidianas, formação de professores, diálogos com anciãos, produções acadêmicas e narrativas audiovisuais mostram que as crianças indígenas participam ativamente dos processos sociais, culturais e educativos nos quais estão inseridas. O brincar emerge o protagonismo das crianças indígenas, a dimensão cultural do brincar e as relações estabelecidas entre infância, identidade, território, natureza e processos educativos.

Ao mesmo tempo, os estudos revelam tensões importantes. Nos contextos escolares, são identificados processos de invisibilização das culturas e das vozes das crianças indígenas, fragilidades curriculares e dificuldades no reconhecimento das especificidades das infâncias indígenas. Em

contrapartida, outras pesquisas demonstram que experiências de interação, interculturalidade e valorização das brincadeiras podem favorecer o reconhecimento das diferenças culturais e o protagonismo das crianças.

No que se refere à conexão com a natureza, os resultados do terceiro eixo permitem compreender que essa relação não se restringe ao contato físico com ambientes naturais. Nas pesquisas analisadas, natureza e território aparecem relacionados ao corpo, à cultura, à ancestralidade, às práticas comunitárias e às formas de aprender e brincar. Essa compreensão amplia as possibilidades de reflexão no campo da Educação Ambiental, uma vez que evidencia modos de relação com a natureza construídos nas experiências cotidianas das crianças e de suas comunidades.

Dessa forma, o conjunto das teses e dissertações analisadas contribui para ampliar a compreensão das relações entre infâncias indígenas, escola, brincadeiras e natureza. Para a Educação Ambiental, esses achados oferecem elementos para refletir sobre práticas educativas que valorizem o diálogo intercultural, o protagonismo infantil e diferentes formas de compreender e estabelecer relações com a natureza.

Considerações finais

O diálogo intercultural, quando pautado no respeito e na valorização das diferenças, pode contribuir para a construção de uma educação humanizadora, emancipadora e transformadora. Uma educação que reconheça a criança como sujeito pleno — natural, espiritual, coletivo e multidimensional — e que possibilite a articulação entre diferentes formas de conhecimento, ampliando horizontes e criando caminhos para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis. Os resultados das pesquisas evidenciam a importância das cosmovisões indígenas nos espaços escolares para favorecer a conexão com a natureza, fortalecer a educação ambiental e contribuir para a implementação da Lei nº 11.645/2008, por meio da valorização das histórias, culturas, conhecimentos e modos de vida dos povos indígenas.

Ademais, a partir das evidências apresentadas, defende-se que a Educação Ambiental não deve permanecer apenas como tema transversal, mas ser instituída como componente curricular obrigatório na educação básica. Embora a Lei nº 9.795/1999 estabeleça a Educação Ambiental como um componente essencial e permanente da educação nacional, orientando sua presença de forma transversal em todos os níveis de ensino, observa-se que essa abordagem, na prática, muitas vezes resulta em ações pontuais, fragmentadas e, muitas vezes, sem presença no Projeto Político Pedagógico da escola. Do mesmo modo, a Base Nacional Comum Curricular reafirma a temática ambiental como integradora, mas não a consolida como disciplina específica, o que pode limitar sua efetividade formativa. Em consonância com o que dispõe a Constituição Federal de 1988, que assegura o direito de todos a um meio ambiente ecologicamente equilibrado e atribui ao poder público o dever de promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino,

argumenta-se que sua institucionalização como componente curricular obrigatório ampliaria seu alcance e profundidade.

Outro aspecto fundamental evidenciado neste estudo refere-se à importância da formação continuada de professores na perspectiva da Educação Ambiental Intercultural que reconheçam diferentes modos de compreender e experienciar a natureza, contribuindo para ampliar a conexão com o ambiente e para a construção de relações pautadas no cuidado, no respeito e na responsabilidade com as diferentes formas de vida e valorizar os saberes dos povos originários.

As brincadeiras indígenas revelam o protagonismo infantil e elementos de conexão com a natureza, destacando-se a importância das brincadeiras ao ar livre para as experiências e aprendizagens das crianças. O *desemparedamento* das crianças é um dos elementos para processos formativos, onde a conexão com a natureza se dá pela experiência e relação de afeto com a natureza e pertencimento do território. Na perspectiva da profissionalização, a formação continuada deve ser compreendida como um espaço de problematização, escuta e reconstrução de práticas pedagógicas, possibilitando aos educadores desenvolver posturas críticas e sensíveis às questões socioambientais e culturais e, bem assim, pela construção de uma identidade docente comprometida com a transformação social. Considera-se que investir em processos formativos torna-se condição essencial para a consolidação de práticas educativas ambientais interculturais, emancipatórias e comprometidas em preservar a natureza e a vida.

Referências

- ANJOS, Mércia Cristina Borges dos. “Brincar todo mundo sabe!”: relações interétnicas de crianças indígenas e não indígenas em uma escola municipal em Tocantinópolis (TO). 2023. 96 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.
- ARAÚJO, Sheila Alves de. A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001–2012). 2014. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- BANIWA, G. *Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos*. Rio de Janeiro: Mórula; Laced, 2019. 296 p..
- BORGES, Patrícia Vaz. Decolonialidade, contracolonização e transgressão nas metáforas de Ailton Krenak. 2023. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2023.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10 dez. 2025.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. *Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, DF: MEC, 2018.

CARNEIRO, Leandro. A práxis de educadores ambientais críticos, transformadores e emancipatórios em direção à sociedade sustentável: contribuições do ecossocialismo e da racionalidade ambiental. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação; Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

CARVALHO, Yngrid Lizandra Medeiros de. Ateliês de insurgência para o ensino de ciências: ideias para uma reconciliação com a natureza a partir de Daniel Munduruku. 2023. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2023

CORDEIRO, Brenda Maria Alves. O brincar na Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu em Dourados/MS. 2023. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2023.

DEUTSCHE WELLE (DW). Destruição da natureza pelos humanos é suicida, alerta ONU. Bonn, 18 fev. 2021. Disponível em: DW Brasil. Acesso em: 19 maio 2026.

EDER, Sofia. A bioconstrução no ambiente educativo de formação de educadores ambientais críticos: um modo de confrontar a hegemonia em novas sociedades possíveis. 2021. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação; Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021.

ESPINA, José Manuel Valencia. ¿A quiénes se les privan las aguas en Suramérica?: ecología política e hidroterritorios en interlocución con los Mbya-Guarani en el sur de Brasil. 2020. 257 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/221613>. Acesso em: 10 dez. 2025.

FERNANDES, Emanuelle Cristina da Silva. Pedagogia encantada: o discurso mítico Xukuru do Ororubá sobre a educação para o bem viver. 2023. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/CDSA), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2023.

FERREIRA, Helder Sarmento. A formação de educadores ambientais na “ComVivência” pedagógica com os saberes da terra. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação; Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

GONÇALVES, Emerson José. O saber compartilhado na filosofia/cosmovisão Guarani Mbyá

e a formação em educação ambiental. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação; Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

GUIMARÃES, Mauro. Pesquisa e processos formativos de educadores ambientais na radicalidade de uma crise civilizatória. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 13, n. 1, p. 58–66, 2018.

GRANIER, Noeli Borek. Experiências de “convivência pedagógica” a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação; Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

GRANIER, Noeli Borek. A construção de ambientes educativos e dos princípios formativos de educadores ambientais na proposta da “ComVivência Pedagógica”. 2022. 269 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação; Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz PerroneMoisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 768 p.

LEFF, E. Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012. 136 p..

LESCANO, Claudemiro Pereira. Ára ypy – O tempo e o espaço: noções de temporalidade e espacialidade do povo Tavyterá. 2024. 139 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2024.

LUCINDA, Karyna Brunetti. A ludicidade inerente ao brincar e as brincadeiras junto às crianças da Tekoa Pindoty (MbyaGuarani). 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável) – Programa de PósGraduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos, 2018.

OLIVEIRA, Maria de Fátima Brito Fontenele. Reprodução interpretativa na infância Tapeba: um estudo sobre a apropriação cultural dessa etnia. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de PósGraduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2014.

PAULA, Marcos Vinícius G. de et al. Corporeity and ecological awareness: an experiential study with children and adolescents. *Sustainability*, v. 18, n. 1, p. 521, 2026.

PATO, C. M. L. Conectividade com a natureza, mitigação e adaptação à mudança climática. *Ambiente, Comportamiento y Sociedad*, Cusco, v. 3, n. 1, p. 8–15, 2020.

PINHEIRO, Itemar de Medeiros. O brincar da criança indígena SateréMawé: elo entre a socialização e a formação cultural. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

PROFICE, C.; MUNHOZ, C. Crianças e natureza: reconectar é preciso. São Paulo: Pandorga, 2016. 200 p.

RODRIGUES, Laudinéa de Souza. Xíxihra Ikólóéhj: a criança na perspectiva da formação de professores indígenas Gavião. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2014.

SANTOS, Cristiane Nunes Pereira dos. O brincar das crianças indígenas e interculturalidade: uma proposta didáticopedagógica decolonial na Educação Infantil. 2024. 205 f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2024.

SANTOS, Suelene Maria dos. Alteridades invisibilizadas: culturas infantis Iny Karajá na escola urbana. 2020. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

SCHIMMELPFENG, Pedro; LAPA JÚNIOR, Luiz Gonzaga; PATO, Claudia Marcia Lyra. Psychological barriers in children: an exploratory study on Dengue transmission using an adapted DIPB scale. *Frontiers in Psychology*, v. 15, 1412856, 2024.

SCHMITZ, Ingrid Oyarzábal. Estou indo lutar: as crianças Guarani no cinema indígena. 2022. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SCHULTZ, P. W. The structure of environmental concern: concern for self, other people, and the biosphere. *Journal of Environmental Psychology*, v. 21, p. 327–339, 2001.

SCHULTZ, P. W.. Inclusion with nature: the psychology of human-nature relations. In: SCHMUCK, Peter; SCHULTZ, P. Wesley (ed.). *Psychology of sustainable development*. Boston: Springer, 2002. p. 61–78.

SILVA, Luana Santos da. A infância dos “pequenos indígenas” MbyáGuarani da tekoá Pindó Mirim: os entrecruzamentos com a natureza e o protagonismo nos processos educativos. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de PósGraduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

SOUZA, Elizabeth Cristina Siel. O brincar de crianças SateréMawé em uma escola da cidade de ParintinsAM. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SOUZA, José Valderí Farias de. Crianças Huni Kuin e suas redes de interdependências: tensões e negociações nas configurações na infância indígena. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

TIRIBA, L.; VOLLGER, A.; PEREIRA, J. Buscando inspiração entre povos indígenas brasileiros para educar as crianças em conexão com a Terra. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 38, n. 3, p. 98–116, 2021.

VERÍSSIMO, Silvana Mindua Vidal. Infância Guarani, travessia, brincadeira: Kyringue onheovangaa. 2024. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.